

Notas e informações

Osgolden boys e a democracia

Reportagem publicada na edição de domingo mostrou que, quando o comando da economia nacional foi confiado à dupla de ministros Dílson Funaro-João Sayad, a USP e a FGV perderam a hegemonia que desfrutavam há longo tempo nas pastas da Fazenda e do Planejamento, substituídas as assessorias de economistas que lá se tinham formado por técnicos da Unicamp e da PUC do Rio. Em outras palavras, sabido que tais assessorias têm o condão de influenciar os ministros a ponto de torná-los dependentes delas, em boa parte, aos ortodoxos sucederam os heterodoxos, estes tendo como guru ou musa inspiradora a sra. Maria da Conceição Tavares — a mesma que chorou (e teve sua imagem repetida n vezes ao público, enquanto enxugava as lágrimas) diante das câmeras de tevê, ao ser instituído o Plano Cruzado. Ora, a musa em questão não oculta sua inclinação por teses marxistas que alcançam profunda repercussão no domínio econômico; e a Unicamp jamais teve preocupação em esconder que forma técnicos nos quais imprime preferências ideológicas fadadas a provocar repercussão de efeitos idênticos aos daquela que foi mencionada.

Resta verificar como é que a economia nacional resistirá à investida dos novos czares, que não crêem na moeda e hostilizam o mercado; e namoram soluções socializantes para os problemas que lhes cumpre equacionar. Até agora, os desdobramentos das medidas implantadas em 28 de fevereiro poderiam perfeitamente deixar bastante preocupado o observador prevenido, posto a par das idéias e dos objetivos por que se distinguem a sra. Tavares e seus discípulos. Há que temer pela saúde e, em etapa posterior, pela sobrevivência da empresa privada no Brasil. Supostos êxitos conquistados na contenção do processo inflacionário, graças ao fato de se haver dado voz de prisão aos preços (não importa venham a explodir adiante, acrescidos de ágios, ou que provoquem os percalços típicos da economia de escazez), empurrariam ministros e o próprio presidente da República no rumo apontado pelos assessores supervvalorizados. Depois, criados alguns fatos consumados, de consequências perniciosas para a liberdade de empreender, funcionaria o plano inclinado, precipitando-se produção, comércio, agropecuária, crédito e serviços ribanceira abaixo, até baterem no fundo do poço estatal — de goela aberta para tragá-los e triturá-los na sinistra engrenagem burocrática, libertada de comparações desfavoráveis que ainda se fazem hoje

entre as sociedades de economia mista, tão pródigas quanto ineficientes (ressalvadas as exceções de praxe) e a iniciativa particular, obrigada a ser produtiva e eficiente; e a gerar lucros para proporcionar à mão-boba do Fisco recursos com que se sustentará a aventura do Estado-empresário.

Na reportagem que dá ensejo a esta nota se diz claramente que os economistas heterodoxos que mandam hoje no País, já conhecidos como *golden boys*, não são comunistas. Consideram-se de esquerda, alguns até se dizem socialistas, mas não defendem os sistemas superplanificados praticados nos países do bloco soviético. Tudo bem. Mas importa ressaltar que a resultante desse coquetel esquerdo-ideológico é um vetor cujo norte magnético aponta para o capitalismo de Estado. Como poderia ser diferente? Os *golden boys* originam-se na mesma fonte, a Cepal, de que se retiraram os patriarcas Ferdinando Figueiredo e Wilson Cano, permeados, já na Unicamp, pelos ensinamentos de Maria da Conceição Tavares e Celso Furtado. Ampliou-se o grupo com economistas que migraram da militância da Ação Popular, formando todos um núcleo de pensamento esquerdista, obstinado na oposição à política monetarista e às medidas de natureza ortodoxa, da linha seguida por Eugênio Gudin, Octávio Gouveia de Bulhões, Roberto Campos, Antônio Delfim Netto, Mário Henrique Simonsen e outros.

Registre-se que essa mesma linha seria perfilhada por Tancredo Neves, ao escolher para seu ministro da Fazenda Francisco Dornelles. Assim, a política econômico-financeira do governo Sarney nada tem que ver com aquela que fora da escolha do fundador da Nova República; é um conjunto de providências de cunho nitidamente estatizante, aptas a produzir consequências políticas e sociais de longo e profundo alcance. A nota dominante no ideário da esquerda é precisamente o vezo da estatização, a qual permitirá a abolição do lucro que encobre a ganância e gera as disparidades entre ricos e pobres, nivelará todos (mesmo que seja por baixo), promovendo a justiça social (mesmo que corresponda à socialização da miséria) e imporá uma sonhada igualdade (mesmo que ao preço da supressão da liberdade). Melhor seria dizer igualdade de carências, pois nessa óptica, se todos não podem ter tudo, será conveniente que tenham quase nada.

Não é preciso ser sagaz ou perspicaz para constatar que existe um plano de desenvolvimento para extrair desse ideário, resumido

antes, jogadas decisivas visando a escorraçar a empresa privada dos setores em que ainda atua, por condescendênciia ou por inadvertência do poder público. É importante, primeiro, que se possa contar com as contradições de personalidades messiânicas para apoiar a execução desse plano, à custa, quem sabe, de sonhos felizes de ambições políticas satisfeitas; e, depois, que se observe um ritmo resumido na expressão *devagar e sempre*, para caracterizar o progresso paciente mas incessante na luta para cercar os redutos em que se defende a iniciativa particular, penetrar neles e acabar de destruí-la.

Para os *golden boys* haverá sempre uma desculpa, traduzida em palavras cuja contestação não é fácil e poderiam ser estas: não fomos nós que começamos. Realmente, a estatização da economia pode ter sido desencadeada no quinquênio Kubitschek, mas caminhou a passos largos pela mão dos titulares dos governos que funcionaram depois de 1964. Dela foi corifeu o general Ernesto Geisel, cujo ministro da Economia (reconheça-se que a pasta existe de fato) se diz ortodoxo, o professor Mário Henrique Simonsen... Assim, o grupo esquerdista que gravita em torno dos ministérios da Fazenda e do Planejamento e os empurra para onde quer, por ação de estranhas forças, terá recebido o *prato* já temperado, porém não hesitará em levá-lo ao forno e em deixá-lo lá, até que esteja pronto para ser comido.

Saída para evitar tal situação, se houver, consiste no malogro da política que os *golden boys* açãoam; e na percepção, por parte de homens do governo e dos empresários, dos males a que ela conduzirá. Com razão, assinala o presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul: "O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, vai terminar falando sozinho", porque "há áreas do governo que estão fazendo o jogo dos socialistas" e "insistem em solucionar o problema (econômico) com a polícia, desrespeitando as leis do mercado". Para remate, adverte o sr. César Rogério Valente: "Se essa política for mantida, o caminho para a economia voltar à normalidade será a recessão". Poderia terminar aqui este comentário, porque as palavras apeladas lhe dão fecho natural. Resta entretanto lembrar às lideranças empresariais do País que elas se encontram diante de uma encruzilhada: ou procedem para que os estatizantes não tirem as últimas consequências da atividade a que se entregam ou perecem.